

POR VINICIUS NADER

“Eu posso fazer qualquer papel. Não só o que estiver escrito ‘japonesa’. Posso fazer qualquer um em que esteja escrito ‘mulher’.” Em tom de desabafo, a frase reflete bem o momento profissional vivido por Yohana Eshima. A atriz estreia no horário nobre como Yone, parceira de Helô (Giovanna Antonelli) em *Travessia*. Juntas, elas vão da investigação de crimes cibernéticos à comédia quase pastelão do jogo de gato e rato entre Helô e o advogado Stênio (Alexandre Nero).

Yohana se orgulha em contar que “em nenhum momento fiz o teste para uma personagem de etnia amarela”. Mas ela sabe que essa situação, embora seja a correta, não é a naturalmente vista. Assim como a atriz também comemora a mudança que já aparece e que dá sinais de ser bem maior.

“Isso está mudando com o tempo. Existem, sim, profissionais que pensam no tipo físico. E tem outras pessoas que não pensam e deixam isso muito livre. É uma transformação que vai acontecendo no meio artístico, é muito novo isso. São muitos anos de pessoas pretas invisibilizadas na televisão. *Travessia* está de parabéns nesse quesito. Ainda não sei se terei um núcleo familiar, mas fico muito feliz ao interpretar um papel que não tenha qualquer estereótipo japonês”, festeja a atriz.

Por viver o braço direito de Helô na delegacia de crimes cibernéticos, Yohana correu atrás e mergulhou num mundo com o qual não tinha a menor intimidade. “Eu não tinha uma visão sobre essa vida tecnológica. Quando fui estudar, percebi que estamos imersos nesse mundo e não tem como voltar. É imprescindível que esse assunto esteja sendo contado na novela, pois isso afeta a vida das pessoas fisicamente, psicologicamente e economicamente. Precisamos aprender a tomar cuidado com o mundo digital”, alerta a atriz.

“O bacana desse núcleo é falar do assunto sério, mas com tom leve e muito natural. Teremos toda a seriedade investigativa”, completa.

A pessoa como ela é

Sem estereótipos de raça, Yohana Eshima estreia no horário nobre como a Yone de *Travessia*



Thiago Antonovas/ Divulgação

TRÊS PERGUNTAS // YOHANA ESHIMA

“Crer no incrível, ver o invisível e receber o impossível” é um lema seu. Como isso surgiu e qual a importância dessa frase na sua vida?

Sou budista há 12 anos. Essa é uma frase de um mestre meu. Ele se tornou meu mestre quando ouvi a voz dele numa antiga gravação de quando a esposa dele havia falecido. Em oração, ele pedia para que sua esposa enviasse um recado ao mestre dele, Tsunessaburo Makiguti. A força dele diante da morte da esposa, em renovar o juramento de ser um humano numa missão em prol da paz, me inspirou. Tomei para mim a missão de que, onde quer que eu estivesse, também cumpriria o desejo do meu mestre de agir em prol da paz e da revolução humana. A frase, na íntegra, de Josei Toda, é assim: “Fazer tudo o que posso é normal. Fazer além das minhas possibilidades é um desafio. Onde terminam as minhas capacidades, começa a minha fé. E uma forte fé: vê o invisível, acredita no incrível e recebe o impossível”.

Como isso apareceu, na prática, na sua vida?

No dia em que um médico disse que eu não poderia engravidar, lembrei da frase do meu mestre, da voz cheia de convicção e determinação. Eu falei para o médico: “Você não pode afirmar que não posso ter um filho. Porque eu posso. Você não me conhece. Eu creio no incrível, vejo o invisível e recebo o impossível”. Então, ele bateu nas minhas costas, como se eu fosse uma coitadinha que não soubesse de nada, me consolando, desacreditando na possibilidade de eu me tornar mãe. Porém, a pena dele não me abateu. Hoje, eu tenho um filho.

Você é mãe de um menino que nasceu com esclerose tuberosa. Como sua imagem pública pode ajudar outras mães na mesma condição?

Já tem me ajudado e está reagindo em outras famílias. Quando famílias com deficiência têm dificuldades em solucionar os problemas, o mais difícil é procurar ajuda. E quando alguém, de forma pública, como tenho feito, divulga o que seu filho tem, a maneira como é medicado e as terapias que existem, é criada uma ponte de acesso, sabedoria e informação. Ao mesmo tempo que exponho minha história, monto um fluxo em que as pessoas também conseguem me ajudar. Nesta semana, uma mãe veio falar comigo que o filho parou de ter crise convulsiva com homeopatia. Quando dividimos nossos problemas, não nos sentimos mais tão sozinhas.